

A Biblioteca Pública de Braga

21  
OUTUBRO  
1972

## SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

## CONVITE QUE SE RENOVA CARTA

Quando há dias o Ministro dos Negócios Estrangeiros Português interveio nos debates da Assembleia Geral da ONU, foi renovado o convite ao Secretariado daquela organização, para que envie observadores qualificados à Guiné, Angola e Moçambique, para verifiquem, à luz do dia com comodidade e segurança, e em todos os pontos que desejarem observar quem exerce

efectivamente a administração.

Pretendem os portugueses, deste modo, refutar as afirmações da «missão invisível» que, em nome da referida organização afirma ter visitado pretensas áreas «libertadas» daqueles nossos territórios.

Porque não é tal convite considerado?

É que aquela satânica organização, não interessa a

verdade mas, apenas, as afirmações de determinados dos seus membros tendo em conta os poderosos blocos em que se apoiam.

Que aconteceria, entretanto, se Portugal, cansado de tanta intriga, de tanta falsidade, de tanto ataque malévolo, abandonasse as suas posições?

Sabemos que nem sequer em hipótese tal é possível mas, não resistimos à tentação de o imaginar.

E, a conclusão, por ser fácil mais nos obriga e impõe o dever de prosseguir sem desfalecimentos no caminho seguido.

É que, sem dúvida, só dois caminhos poderiam ser de tal facto resultantes: — ou aqueles territórios cairiam sob o domínio comunista (Russo ou chinês), ou as potências ocidentais, descoberto enfim o logro, os transformaria em novas Indochinas, Coreias ou Vietnames!

Quem pode ainda ter qualquer dúvida?

Nem aos mais ingénuos ela se consente!

É esta uma das verdades insofismável dos portugueses à qual timidamente embora, alguns governos responsá-

•Continua na 4.ª página•

## Terreno destinado ao Palácio da Justiça

Como é do conhecimento geral o Grémio da Lavoura de Amares cedeu o terreno necessário à implantação do Palácio da Justiça da nossa Comarca. Não obstante os pedidos de autorização para que o Grémio possa celebrar a competente escritura, o certo é que nenhuma resposta foi recebida.

Por este facto o sr. presidente do Grémio acaba de officiar à entidade distrital a remeter cópia dos anteriores oficiais chamando a atenção para o melindre que isto acarreta e para os prejuízos que daí podem advir. Termina, aquele ilustre dirigente corporativo, por afirmar que o Grémio da Lavoura de Amares declina toda e qualquer responsabilidade pelas consequências de tão grave dilação.

Também sou médico. Chamo-me João. Não sei se os meus colegas falecidos Deus os levou a dar contas ao diabo. Mas o assunto interessa a muitos senão a todos. E faço deste cantinho a minha deambulação sobre o que penso dos médicos de hoje e da Medicina de ontem. E então ouçam:

Apesar da materialização e da mecanização da Medicina de agora, mesmo os médicos da Nova Vaga precisam de ter um conjunto de qualidades afectivas, indispensáveis para poderem conquistar o doente. Antes de técnicos, para sempre bons profissionais, precisam de ser clínicos, observadores, psicólogos, conhecedores dos segredos humanos e sabedores dos minúsculos problemas que preocupam e tanto agravam o estado do doente. Uma palavra de consolo desperta a Fé. E a Fé foi sempre tudo e é tudo mesmo em Medicina, embora muitos o não creiam...

O médico de hoje tem também necessidade de ser cauteloso pelo perigo, que, com frequência, existe nas modernas terapêuticas, muitas das quais de perigo certo. Repare bem — de perigo certo e eficiência duvidosa. Mas há sempre necessidade de esclarecer o diagnóstico somático, averiguado da responsabilidade dos factores químico-biológicos e há necessidade ainda de tomar bem nota do estado psíquico do paciente, a fim de se poderem conhecer completamente os dois aspectos da doença: a realidade somática e a sua repercussão sobre o espírito. Este aspecto é da maior importância. Já os

## Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares

Acaba de ser contratado para regente da Banda, o senhor Constantino Ramada, professor de música, de S. João-Ovar.

Pelos seus conhecimentos musicais, pois foi músico militar aos 16 anos, deposita a Direcção no senhor Ramada as maiores esperanças e estamos certos que a Banda vai atingir apreciável nível artístico.

médicos de ontem o reconheciam e actuavam com um cuidado enorme, embora mais empiricamente do que cientificamente; procediam assim porque a experiência lhes havia mostrado o seu enorme valor para um diagnóstico exacto e até para a própria terapêutica, praticando nesse sentido um conjunto de manobras e atitudes a que modernamente se chama psicoterapia, adaptada à Medicina Geral e que Weiss sintetizou nestas normas:

- 1 — Permitir que o doente conte sem pressa e inteiramente à vontade o seu caso, ouvindo muito e falando pouco;
- 2 — Ouvir com atenção e mostrar interesse pela exposição do doente procurando descobrir a personalidade do doente;
- 3 — Fazer uma exposição física o mais completa possível;
- 4 — Convencer o doente que se trata de um desarranjo e não duma doença;
- 5 — Explicar que, se a doen-

(Continua na 4.ª página)

## 5.ª COLUNA

Esteve há dias em Barcelos. Comi num restaurante muito conhecido na cidade. Ementa favorecida por bacalhau especialíssimo e com vinho do Dão, porque não tomo verde, mas apenas maduro e tinto.

Não vou dizer-lhe a razão pela qual não tomo vinho verde, pois só o médico é indicado para compreender o motivo da minha contrariedade acerca de vinhos. E foi este caso natural que provocou ter de contar ao gerente da casa ou mesmo ao dono (não sei) a lenda do galo de Barcelos.

É que o homem pareceu-me ter ficado mal disposto pelo facto de não tomar vinho da terra.

De maneira que tive de contar-lhe a lenda. E como o meu Leitor possivelmente canhece-la diferentemente e, portanto, elucidar-me-á, ela aí vai «à vol d'oiseau», como

(Continua na 4.ª página)

## Cooperativa Agrícola de Amares

Levantou-se, no passado mês, a dúvida quanto ao prosseguimento das diligências que levarão à instalação da nossa Cooperativa, porquanto os proprietários vendedores dos terrenos não estariam na disposição de esperar mais tempo pelo empréstimo que tanto tem tardado. Levado o assunto ao conhecimento da Câmara e da A.N.P. ambos estes organismos se apressaram a contactar com as esferas superiores, as quais informaram que Sua Ex.ª o Senhor Secretário de Estado havia despachado concedendo tudo quanto lhe fora pedido e nas melhores condições.

Como, porém, a concretização voltasse a demorar e a causar natural ansiedade, dada a péssima situação da nossa Lavoura, muitos foram os que nos pediram um esclarecimento suficiente e decisivo.

Para esse esclarecimento procuramos quem melhor nos pudesse informar e, por mera casualidade, fomos encontrar essa pessoa com um longo officio que acabava de receber da Junta de Colonização Interna.

Nele se pediam diversos documentos referentes a várias Repartições concelhias e dizendo respeito aos elementos necessários a ser lavrado o contrato de empréstimo. No mesmo dia todos os documentos foram conseguidos e logo remetidos à entidade peticionária sob registo.

Lemos, também, por vir junto ao officio acima referido, o parecer e despacho de Sua Ex.ª o Senhor Secretário de Estado.

No parecer refere-se a visita ao local do ilustre membro do Governo e das ordens expandidas pelas quais se autorizam os subsídios e empréstimos necessários à compra dos terrenos e às instalações. No despacho concede-se um subsídio de 799.000\$00 e um empréstimo de 799.000\$00 em juro de 3%.

Está, pois, tudo esclarecido e muitos vão ser os nossos leitores que sentirão uma sensação de alívio. Se desta vez não houver desnecessárias demoras dentro de dias será assinado o contrato e imediatamente as escrituras de compra de todos os terrenos.

E depois? — Vai ser constituída a Comissão de proprietários e técnicos da Junta de Colonização Interna para estudo económico e implantação urbanística dos edifícios.

Interessante que o relatório que lemos diz que a Cooperativa deve estar instalada em Outubro de 1973.

Temos a certeza que não será por falta dos dirigentes locais que este prazo se não cumprirá. Assim o entendam também os técnicos que têm de intervir para que todos possamos festejar o dia maior do nosso Concelho.

# NOTÍCIAS DE MOÇAMBIQUE FANTAS MAGORIA

## Bejo de Mulata trava leucemia

Revista «Tempo», que se publica em L. Marques, inseriu no seu n.º 107 uma reportagem com o título acima.

Trata-se de uma planta silvestre moçambicana (Vinca Rosea ou Lochnera Rosea) cujas flores brancas e arroxeadas lhe deram o nome por que é vulgarmente conhecida. A sua área de eleição situa-se na Moamba - região a 80 Km de L. Marques — e no Sabié, a 120 Km da capital, embora também desponte noutras localidades, como: Jardim Zoológico de L. Marques, Macaneta, Chibuto e Catembe. Cresce entre o capim e está sempre na orla da brisa marítima, num raio mínimo de 50 Km nas zonas do seu «habitat» existem 4 propriedades, num total de 500 hectares plantados, tendo a Moamba 360 hectares. Em Outubro estarão plantadas 20 milhões de plantas e até fins do próximo ano 50 milhões.

Esta planta passaria despercebida se não fosse utilizada na preparação de um específico capaz de retardar a acção da leucemia e prolongar a vida e a esperança aos doentes por muito mais tempo. Assim, os Estados Unidos e a Alemanha estão a comprar-nos «beijos de mulata» às toneladas abrindo a perspectiva de um negócio de 8 milhões de escudos. É a primeira vez que beijos — de mulata ou não — rendem tanto dinheiro, como refere a supracitada revista.

De facto a cultura de Vinca Rosea é mais rentável que o arroz — e esta é a cultura mais rica de cá. Só para a Alemanha carregam-se 20 toneladas de raízes e para a América outro tanto em folhas. Porquê a raiz para um lado e as folhas para outro? Segredo profissional, dizem. Sabe-se contudo que, do «beijo de mulata» se extrai um alcalóide de nome Vincristina e muitos moçambicanos, da raiz de Vinca Rosea, fazem chás para os diabéticos.

De quatro em quatro meses colhe-se a folha, operação que tem de ser feita manualmente, por não haver processos mecânicos. No fim dum ano dá-se a retirada da planta para o aproveitamento da raiz. As folhas, após um repouso de

**Telefone dos Serviços dos Bombeiros V. Amares 62162**

48 horas, ficam em tabuleiros durante 4 a 6 semanas. Em Setembro e Outubro efectua-se o transplante.

Espera-se que no decurso deste mês um técnico dum laboratório alemão, dos maiores do mundo, venha a Moçambique para orientar o negócio de plantas medicinais. «Pensando que outras variedades de plantas poderão ser exportadas, fazemos em intenção de Moçambique um em-nome-do-Padre...» — termina o «Tempo». Amen — rematamos nós.

Correspondente

## ANEDOTAS

—Então você é o meu anjo da guarda?

—Sim meu filho.

—Onde estava você há trinta anos, quando vi pela primeira vez a minha mulher?

\* \* \* \*

Alguns estudantes, passando por um cemitério depararam com um túmulo onde se lia o seguinte epitáfio:

Aqui jaz quem nunca teve medo.

Um deles exclamou:

Este patife nunca fez exames!

Passei a vida inteira, afadigado  
A erguer uma Cidade interior  
Onde só eu reinava! A paz e o Amor

Sentavam-se, meus aios, a meu lado.  
Cada amigo era um novo morador...  
E eu pensava e dizia, deslumbrado:

—Sou o último príncipe encantado,  
Escondido no cálix duma flor!  
Nem quero acreditar! A vida fez-se.  
De cidade feliz, em fumegante

Ruína sobre a qual a névoa desce.  
Fantasmas, tudo e todos! clamo ao céu,  
E, ao arrastarem me, abúlico e distante,  
Receio que o fantasma seja eu!

## EM BRAGA

PREFIRA

RESTAURANTE AVENIDA

DE

Eugénia Ferreira de Oliveira Machado

Manuel Gomes Machado

Almoços, Jantares, Serviço de Casamento

e à Lista

Avenida Central, 131—Telefone 24357—Braga

## CALAFRIO

Continuado do número anterior)

«E que tratamento é esse?

—Para começar, a sua lealdade, Mrs. Grose. E, depois, M les.»  
Olhou-me com firmeza.

«Acha que ele...?»

—Se lhe oferecer ocasião de se voltar contra mim? Sim, aventure-me, mesmo, a pensar tal coisa. Aconteça o que acontecer, vou experimentar. Parta dentro em breve com a menina e deixe-me só com ele.»

Eu própria estava surpreendida com as minhas reservas de coragem, e por isso, talvez, mais desconcertada me senti ao vê-la hesitar, a despeito deste belo exemplo de bravura.

«Há porém uma coisa,» continuei eu: «antes de Flora partir eles não devem comunicar um com o outro, nem por um segundo que seja.»

Depois ocorreu-me que, apesar do presumível sequestro de Flora desde que regressara do lago, isto devia ser demasiado tarde.

«Ter-se-iam eles visto lá?» perguntei com ansiedade. Ao que ela respondeu, corando:

«Ah, Miss, não sou tão tola com isso! Das duas ou três vezes que me vi obrigada a deixá-la ficou sempre uma das criadas junto dela, e neste momento, embora só, está fechada em segurança. E, no entanto — no entanto!» Havia mais alguma coisa.

«No entanto que?»

— Sim, Miss, tem assim tanta confiança no pequeno?

— Não confio em ninguém senão em si. Mas desde a noite de ontem que tenho uma nova esperança. Parece-me que ele me quer dar uma oportunidade. Creio bem que sim — pobre desgraçadinho! — Precisa de falar. Na noite passada, ao pé do fogão, no silêncio, estive sentado a meu lado perto de duas horas como que à beira de falar.»

Mrs. Grose olhou atentamente através da janela para o pálido dia que ia rompendo.

«E não chegou a falar?»

—Não, embora eu tivesse esperado muito, confesso que não.

E foi sem rompermos o silêncio e sem fazermos a mais pequena alusão à ausência da irmã que nós, por fim, despedimo-nos com um beijo. Da mesma maneira,» prossegui, «eu não posso, caso o tio a veja, consentir que ele veja Miles sem me terem dado o pequeno — sobretudo, porque as coisas se apresentam tão mal — algum tempo mais.»

Neste capítulo a minha amiga mostrou uma certa repugnância que eu em absoluto não pude compreender.

«Que é que se compreende por mais tempo?»

— Bom, um dia ou dois — realmente, para o persuadir. Tê-lo-ei então ao meu lado — e está a ver a importância disso. Se nada conseguir, apenas falharei, e a senhora, na pior das hipóteses, terá ajudado, ao chegar à cidade, fazendo tudo que lhe seja possível. Assim eu lhe expus o problema, mas ela, durante um certo tempo, continuou instrutivelmente embaraçada, correndo eu então, de novo, em seu auxílio. «A não ser, é claro,» lastimei, «que a senhora não queira ir.»

Finalmente, pude ler-lhe claramente no rosto qual a sua resposta; estendeu-me a mão, como se fizesse uma promessa.

«Irei, irei, irei esta manhã.»

Eu precisava de ser justíssima.

«Se quiser esperar algum tempo, farei com que ela me não veja.»

— Não, não; mesmo por causa destes sítios. É bom ela sair daqui.» Deteve-se um momento, com os olhos pesados, depois concluiu:

«A sua ideia é sensata. Eu, Miss...»

— Qué?

— Eu é que não posso ficar.»

O angustioso olhar que ela me lançou ao dizer isto deu-me um sobressalto de esperança.

«Quere dizer que viu, desde ontem...?»

Abanou a cabeça com dignidade:

«Ouví...!»

— Ouvíu?

Horríveis coisas da boca da criança! Lá! Suspirou, com um trágico alívio. «Palavra de honra, Miss, ela disse coisas...!»

Mas, ao evocar isto, calou-se; deixou-se cair, soluçando, no meu sofá, e pôs-se a dar largas a todas as suas mágoas, como eu já a vira fazer noutras ocasiões.

Pela minha parte, expandi-me de uma maneira completamente diferente.

«Oh, louvado seja Deus!

Mrs. Grose ergueu-se de um pulo outra vez, limpando os olhos,

(Continua no próximo número)

# TRIBUNA do CONCELHO

## Notícias do Concelho

**Narciso Gonçalves**

Quando frequentamos as escolas espalhadas como alimento aos espíritos sedentos de luz e conhecimentos, já somos portadores das qualidades que nos não-de distinguir na vida. Esta filosofia é infalível. Para o bom entendedor meia palavra basta e para o Narciso então as coisas giram de forma diferente porque se completou no seminário de Braga. Revela esse homem na vida, não aquilo que mostra aos amigos que o admiram, mas aquilo que é por Natureza... Somos dois privilegiados da bondade, somos dois fervorosos das Ordens Supremas que estamos a procurar demonstrar a quem anda alheio ao Poder Divino. A Tribuna Livre pede «escolas» para não morrer de fome; Não morrerá porque o digno Chefe da Repartição de Finanças de Vieira do Minho, nasceu na Feira Nova aonde a Tribuna espalha a luz produzida por esse centilante espírito de cultura, bondade e inteligência. Termino pedindo a Deus que a alma dos familiares descendentes sejam herdeiros de um legado que contribuirá muito para a riqueza de uma Sociedade que parece abrir falência por falta de alicerces firmes que segurem o respeito que merece o nosso semelhante e até os pergaminhos sociais dos nossos ancestrais avoengos.

**Amares — Feira Nova**

Dois polos que devem acabar com os choques violentos que tem destruído o progresso das duas terras vizinhas. Não foi entrevista, foi um encontro com o amigo Miguel, comerciante em Amares. O Miguel ama a terra aonde se fixou e fundou o lar familiar. Não é apatrida, nasceu em Portugal, é português. Não quer barreiras, quer progresso e comunhão... de ideias não comunistas. É como eu.

Outros entram em acordo no plano de Urbanização. O lugar dos guíames deve ser o fulão do progresso urbanístico e portador da amizade indissolúvel entre famílias desavindas.

**Do Snr. Delfim Ferreira Pinto**

Soldado de transmissões de Infantaria S. P. M. 2118, em serviço militar em Bambadinca, que julgo ser da província de Moçambique, recebi uma extensa carta que guardo ciosamente por conter argumentos que me convenceram que as minhas notícias do concelho prestam

ao querido amigo como a muitos outros desconhecidos, um grande serviço informativo da Pátria querida que defendeu com heroísmo e aonde os meus quatro filhos vão experimentar a utilidade do homem nas coisas sagradas da defesa da honra de Portugal.

Como a Tribuna Livre é o único jornal periódico que tanto concorre para a divulgação de tão variado noticiário espero que todos aí ajudem a manter esse porta-voz da alma da Pátria e do coração dos amigos que vos ajudarão daqui a sofrer os sacrifícios que estais a fazer para que o nosso Portugal possa conservar a bandeira Verde - Rubra nas terras que descobriu.

### Aniversário

No dia 26 do corrente está em festa o lar do Sr. Armando de Oliveira Pereira, ausente no Canadá, sua carinhosa esposa Alice e sua querida filha Lucília não podem sentir a alegria que sentiriam se a presença do marido e pai estivesse para que esse dia fosse, o que desejam as duas vítimas da ausência do marido que também no mesmo dia lamenta uma ausência forçada mas que não altera na união que o amor de Deus registou na história da vida familiar.

Tribuna Livre felicita a assinante e junta aos votos do marido os seus pela Sua felicidade.

— Por —

**Elísio Gonçalves**

Carrazedo Amares

### Mortandade de Peixes

Julga-se ser causada por uma explosão submarina — cuja origem se desconhece — a autêntica mortandade que está a verificar-se entre os peixes do litoral minhoto: nos últimos dias, o mar tem arrojado às praias de Apúlia, de Fão, de Esposende e de outras localidades milhares de peixes mortos, a maioria dos quais de grande porte.

**Telefone dos Bombeiros V. de Amares**

**62162**

## Vida elegante

### Aniversários

**Fazem anos:**

No próximo dia 24, festeja o seu aniversário natalício o sr. Fernando José Pinheiro

No dia 25 a menina Júlia Maria Veloso Martins.

No dia 26 o sr. João da Rocha Barbosa.

Neste dia festeja também o seu aniversário natalício a menina Paula de Jesus Veloso Pereira, filha do sr. João de Jesus da Silva Pereira, comerciante em Sá da Bandeira — Angola, natural de Crespos.

No dia 27 o sr. Álvaro de Freitas e a sra. Maria da Conceição Dias Correia Portela.

### Salvé 18 - 10 - 72

**Manuel Gonçalves Machado**

No passado dia 18, festejou o seu aniversário o jovem Manuel Gonçalves Machado, filho do sr. Domingos Fernandes Machado e D. Laurinda de Jesus Gonçalves, proprietários, residentes na freguesia de Caires.

Por tão alegre data, seu mano e nosso assinante snr. João Machado, funcionário da Farmácia Marques Rego, deseja-lhe muitas felicidades.

Tribuna Livre comprimenta o aniversariante e deseja-lhe que esta data se prolongue por muitos anos junto de sua querida família.

## Inspeção dos Serviços e funcionamento do Centro de Saúde de Amares

Em visita de trabalho, estiveram a inteirar-se do seu funcionamento e a inspeccionar os diversos serviços do Centro de Saúde deste concelho, altos funcionários do Ministério da Saúde e Assistência, designadamente o senhor Dr. Fernando de Melo Caeiro, Presidente da Comissão Instaladora dos Centros de Saúde, Dr. Leonel Barreira e Dr.ª Amélia Leite, inspectores Superiores da Direcção Geral de Saúde, Dr. Arnaldo Magalhães, inspector da Zona Norte da I.A.N.T. Dr. José Alberto Cruz, dos serviços de coordenação Distrital, D. Laura Gomes enfermeira de Saúde Pública da Inspeção Técnica de Enfermagem da Direcção Geral de Saúde.

Foram recebidas estas individualidades pelo Director do Centro Dr. Artur Eleutério Gonçalves Macedo.

Analizado o funcionamento de cada serviço, foram expostas normas relacionadas com as estruturas de coordenação e integração nos diversos sectores de actividades de saúde concelhias.

Seguiu-se uma reunião com os diferentes responsáveis dos sectores de enfermagem e administrativo, na qual se trocaram várias impressões relativas a análises do seu funcionamento.

Antes de terminar o senhor Dr. Fernando de Melo Caeiro, Presidente da Comissão Instaladora dos Centros de Saúde, manifestou o seu agrado como tudo tinha decorrido, pela boa impressão que colhera, dirigindo palavras de louvor ao seu Director, como também a todo o pessoal que ali presta serviço, declarando que era dos mais eficientes do Distrito de Braga

## Câmara M. de Amares

### AVISO

Encontram-se vagos os seguintes lugares:

Leitores-cobreadores de água e luz — 2

Cantoneiros de 2.ª classe — 2

Jardineiros — 1

Os interessados poderão dirigir-se à Secretaria da Câmara nas horas normais de expediente, onde serão esclarecidos das condições de admissão.



## OÍÇA NA RÁDIO

**"a Bayer no campo"**  
conselhos ao agricultor"

Oíça, diariamente, em Rádio Renascença, onda média e frequência modulada das 6 às 6.30 horas, através do programa: «Madrugada... na cidade e no campo», a rubrica — «A BAYER NO CAMPO — CONSELHOS AO AGRICULTOR» — que a Bayer Portugal dedica a todos os agricultores portugueses.

A Bayer está à sua disposição. Escreva-nos a pôr o seu problema.

Peça no seu agente Bayer o impresso/questionário «CONSULTÓRIO FITOSSANITÁRIO BAYER» e beneficie, gratuitamente da nossa experiência de 100 anos.



**Bayer Portugal, s.a.r.l.**

# 1.º Simpósio Nacional de Produção, Promoção e Vendas

Participação válida e destacada do sr. dr. J. Pereira da Silva

(Continuação do número anterior)

Condições climáticas adversas, condições do solo e sub-solo aproveitadas ao arrepio da sua real vocação e o espírito conformista do nosso agricultor sempre contente — a despeito de serem cada vez piores os anos agrícolas — explicam a razão de ser de tal insucesso.

Ora Portugal foi através dos séculos um país essencialmente agrícola e ainda hoje a agricultura absorve uma percentagem elevadíssima da não de obra nacional, sendo os produtos agrícolas factores condicionantes da sobrevivência social.

Os produtos agrícolas estão ligados à satisfação das necessidades mais primárias — a necessidade de *alimentação*, à cabeça como razão de sobrevivência — e a nossa indústria, não é por sua vez tão válida e rica que, mercê das exportações, nos proporcione divisas suficientes para a importação desses produtos.

Do ponto de vista agrícola Portugal terá de produzir na sua grande maioria aquilo que consome e se possível deverá mesmo passar a uma fase de exportação, apresentando nos mercados externos aqueles produtos que Portugal mercê da particular feição do seu território ou do seu clima esteja em melhores condições de produzir.

Se nos dermos ao trabalho interessante de consultar o orçamento do Estado ou de analisar os sucessivos planos de fomento, nomeadamente o IV, rapidamente se conclue que o governo português se vêm preocupando no sentido de inverter a tendência atávica do nosso agricultor, investindo grandes somas em financiamentos, subsídios, e na criação e manutenção de organismos ou serviços cuja função será de ajudar o agricultor quer ministrando-lhe os conhecimentos técnicos de que carece, quer dando ou emprestando-lhe o dinheiro de que precisa, quer intervindo nos circuitos de comercialização...

Todavia, sinceramente, eu penso que o governo português a despeito do esforço feito, através dos seus técnicos — alguns quasi apóstolos sempre prontos a calcurrear montes e vales indiferentes ao frio, à chuva ou ao calor — ainda não acertou...

É que depois de tanta energia dispendida e tanto dinheiro gasto a inversão da tendência é mínima e os resultados pouco satisfatórios.

Na origem os produtos continuam por vezes demasiado baratos, e escoam com dificuldade; nos mercados distantes nomeadamente os cidadãos por vezes escasseiam e são caros e então para que as tais necessidades primárias sejam satisfeitas importa-se aquilo que numa visão bem planeada se poderia produzir em quantidade suficiente e em qualidade que nada teria a rezear dos seus similares importados.

Se é certo que hoje se pode fazer agricultura numa eira ou num deserto, se é exacto que as condições do solo e de clima perderam a sua valência, mercê de técnicas avançadas... a razão do nosso insucesso terá de situar-se no homem que não *no solo ou no clima*.

A razão do insucesso reparte-se pelos que dirigem e pelos que trabalham e porque já fomos longe demais nesta senda de maus resultados julgo ter chegado a hora de arrear caminho e adoptar a solução *certa* para este grande sector da actividade nacional.

É que a crise não se resolve apenas com a aquisição de máquinas agrícolas — eu diria que a importação maciça de maquinaria agrícola a que se procedeu nos últimos anos, aproveitou mais aos que a venderam que aqueles que a utilizam!

O país esvaiu-se em divisas e elas não preencheram, pelo menos totalmente, a motivação da sua importação.

A crise agrícola não se resolve apenas com emparcelamento ou agricultura de grupo, não se resolve com a concessão de empréstimos e subsídios.

Resolver-se-á, penso eu, com uma reforma de base cujas raízes se projectem até à *escola primária* e até à família como *factor* de formação de carácter do individuo.

O insucesso na agricultura situa-se mais no homem que na terra e por assim ser o homem compete solucioná-lo.

Assim, como de abertura de grandes vias de comunicação, portos e aeroportos, saúde pública, ensino, defesa e segurança, todos nós sentimos uma necessidade enorme que o nível da agricultura e do agricultor se desenvolva e eleve.

(Continua no próximo número)

# C A R T A

(Continuado da 1.ª página)

ça existe, os queixumes são exagerados;

6 — Orientar a conversa, inquirindo dos problemas pessoais do doente: estado familiar, negócios, trabalho, vida social, etc.;

7 — Interrogar o doente acerca das causas prováveis da sua doença, ou daquela que o atormenta;

8 — Explicar, quando haja necessidade de receitar, os efeitos do medicamento, para se não supor haver mistérios.

Os médicos de hoje não compreendem esta linguagem. Pois é preciso que compreendam! É preciso que as Faculdades de Medicina, apesar da materialização e mecanização da Medicina que ensinam, voltem a aconselhar minuciosidade do interrogatório, meticulosidade da observação, individualização dos tratamentos, personalização da terapêutica, o que quer dizer: é indispensável dar o 1.º lugar à clínica. Já Jiménez Dias escreveu: «rende muito mais para o diagnóstico meia hora de conversação do que todas as explorações físicas do doente. E White chegava a preocupar-se como devia sentar-se o doente para a consulta. E Jiménez Dias e A. White, são nomes que não se discutem; têm autoridade que ninguém pode contestar! Mas a gente nova não os pode compreender, habituada, como está, a ver doentes em série e em marcha acelerada, desfilando, em mais ou menos desordem na quantia de trinta e mais doentes no prazo marcado

de duas horas e mal contadas...

Para bem dizer o médico não chega, sequer a ver, não digo observar, os doentes; os doentes é que vêm o médico de relance, embora não lhe fiquem a saber o nome...

Assim era nos quartéis, antigamente, como caricatura apresentada a dar conta da assistência médica aos soldados:

À hora de tocar a doentes, à porta do consultório juntavam-se os soldados com diarreia. Um sargento em voz alta, chamava:

«Doentes de diarreia!». Logo entravam em cambulhada mais de uma dúzia. Sobre uma mesa está uma rima de papeis que tinham escrito: «bismuto»; cada soldado pegava num papel e saía por outra porta, em fila indiana, de papel na mão. Logo se ouvia a seguir:

«Doentes com catarreia!». E lá ia outra cambulhada deles. Depois os da tosse, do reumatismo, etc., etc.. Algum tempo já vai passando mas nos Serviços Médicos-Sociais estamos quase a chegar à porta do consultório do quartel, apesar de muitas descobertas se terem feito, muitas investigações se terem realizado, de muito ter avançado a Medicina, tanto que, impulsionada pela marca do mundo, segue uma trajetória tal que, em muitos casos, já não basta o galeno...

Como tudo hoje é diferente, mercê do que se chama Progresso, Civilização... Hoje o médico não conhece o doente, o doente não conhece o médico! Antigamente o doente entregava-se ao médico e este passava a ser

o seu confidente, seu mentor, seu guia, correspondendo assim à confiança, despertada e depositada. Eram os médicos de ontem... Não são assim os médicos de hoje...

Talvez não fosse mal, nem mau, que quem de direito pensasse um pouco nisto. Que vos parece? E se lembrasse o assunto aos mestres? A vida é tão absorvente nas casas de saúde, chamadas correntemente *Casas da Moeda*...

Mas talvez haja ainda uma nesga de tempo livre...

Ex-Corde, João.

Pela cópia

MILITÃO PORTO

## 5.ª C O L U N A

(Continuado da 1.ª página)

dizem os franceses, já que o galo, para mim, é símbolo da Gália e não de Portugal.

Ora chegou a Barcelos certo viandante, não sei em que atrasado século, com as suas viandas e pediu ao hospedeiro que consentisse comer ali o seu farnel. Autorizado, o viajante serviu-se do que levava e nem sequer provou (pois teria de o pagar) do vinho do hospedeiro. Este, furioso, meteu-lhe no albornoz um talher e depois do homem se retirar começou a gritar que tinha sido roubado. Logo correu doida apanhou o desgraçado. Bem ele invocava a sua inocência, mas o hospedeiro sabendo o que tinha feito revistou-o e encontrou o talher. Levado ao meirinho este resolveu enforcá-lo. E assim foi!

Na queles antiquíssimos tempos era assim.

Entregue ao carrasco, não houve maneira do condenado estrebuchar, pois o laço da força por três vezes que se negou a apertar-lhe o pescoço. O povo gritou, alvoroçou-se e pediu misericórdia perante o «milagre». Levado o homem ao Juiz de Paz, este estava sentado à mesa preparando-se para ceiar. No centro desta estava um galo assado. O Juiz invetivou o condenado e ele disse então:

«Se estou inocente o galo que aí está cantará». E o galo cantou

Grande algazarra e o condenado foi absolvido.

Pergunta-se. Se a lenda é exacta, e deve ser porque é lenda, faltam-lhe as minúcias precisas para descobrirmos a sigla do galo de Barcelos como símbolo do nosso turismo.

Claro que isto veio a propósito do meu hospedeiro ficar aborrecido por eu não beber vinho verde. Estive na contingência de ser o viandante de há seiscentos anos, não lhe parece, Leitor?

## Convite que se renova

(Continuado da 1.ª página)

veis vão aderindo e aceitando.

Oficiosamente, embora, muitos responsáveis estrangeiros têm visitado já em pormenor aquelas invejadas parcelas do território português e, todas elas, depois de tais visitas, têm feito declarações que não podem nem nunca foram postas em dúvida.

A simples ignorância do Secretariado da ONU aos convites repetidos para delegações idóneas visitarem qualquer parcela dita como «libertada», bem demonstra que naquela organização a verdade é conhecida perfeitamente.

A sua aceitação, porém, colocaria os responsáveis em posição difícilíssima a qual seria a de não mais poderem aceitar as objecções dos

mentores do terrorismo que eles sabem apoiados pelo poderoso bloco Afro-Asiático-Comunista, que no fundo respeitam e temem.

Há que fazer jogo duplo, pensam tais irresponsáveis, ditos responsáveis, para manterem, embora precariamente as suas posições.

Entretanto, os portugueses vão, para sua felicidade e descanso, resistindo e lutando.

Até quando tais gentes e tal organização conseguirão aguentar semelhante situação?

Quem será capaz de espurgar dela tão perniciosos elementos?

À pergunta do Ministro português, acrescentamos nós estas também destinadas a ficar sem resposta, claro.

H. de Boaventura

EME ABRIL